DISCUSSION PUBLISHERS
Research Center · Open Access Edition

Africanities and African Histories: contributions from Cear

Franck Ribard

Discussion Research ID	DPR-2026-1006
Year	2026
Field	Social Sciences
DOI	10.36517/ep.vi.96656.2025
Author ORCID	0000-0002-8039-2707
Licence	CC-BY
Original source	Em Perspectiva
Permanent link	https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4
Publisher	Discussion Publishers discussionpublishers.com

Abstract

The seminar of the History Department (UFC/2025), with the theme of Africa, Africanities and Black Culture served as a commendable example of student protagonism of several activities as well as a very positive interchange with the UNILAB group of students and teacher. The event quality, focused on the integration between the graduation and post-graduation, the same way that it expanded itself on roundtables, GTs, workshops, film festival, is the result of the interaction which also provided this dossier from the Em Perspectiva (Histria/UFC) magazine, called frica, Africanidades no Cear. This article intends, at the beginning, to bring some elements from the event pathway, before presenting the number of articles which compose the dossier, highlighting the wealth and the originality of both accomplishments.

Republished by Discussion Publishers under the original CC-BY licence. Copyright remains with the original authors; please cite the original work.

Cite as: Franck Ribard (2026). Africanities and African Histories: contributions . Discussion Publishers, DPR-2026-1006.

Em Perspectiva
Revista do PPGH/UFC

ARTIGO ORIGINAL

Africanidades e Histórias da África:
contribuições a partir do Ceará

Franck Ribard

Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, CE, Brasil
franckribard@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-8039-2707

RESUMO

O seminário do Departamento de História (UFC/2025), com o tema "África, Africanidades e Cultura Negra" foi a ocasião de um protagonismo discente muito louvável, de várias atividades e de um intercambio muito positivo com um grupo de alunos e professora da UNILAB. A qualidade do evento, voltado para a integração entre a graduação e a pós-graduação, e que se desdobrou em mesas redondas, GTs, oficinas, Mostra de Cinema... é fruto dessa interlocução que rendeu também esse dossiê da revista Em Perspectiva (História/UFC) chamado "África e Africanidades no Ceará". O presente artigo pretende, num primeiro momento, trazer alguns elementos da trajetória do evento, antes de apresentar os diversos artigos que compõem o dossiê, sublinhando a riqueza e a originalidade de ambas realizações.

Palavras-chave: Africanidades. Ceará. Seminário.

Africanities and African Histories: contributions from Ceará.

ABSTRACT

The seminar of the History Department (UFC/2025), with the theme of "Africa, Africanities and Black Culture" served as a commendable example of student protagonism of several activities as well as a very positive interchange with the UNILAB group of students and teacher. The event quality, focused on the integration between the graduation and post-graduation, the same way that it expanded itself on roundtables, GTs, workshops, film festival, is the result of the interaction which also provided this dossier from the Em Perspectiva (História/UFC) magazine, called "África, Africanidades no Ceará". This article intends, at the beginning, to bring some elements from the event pathway, before presenting the number of articles which compose the dossier, highlighting the wealth and the originality of both accomplishments.

Keywords: Africanities. Ceará. Seminário.

periodicos.ufc.br/emperspectiva
revistaemperspectiva@gmail.com
@emperspectiva

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

1 INTRODUÇÃO

A ideia da realização da retomada do Seminário de História do departamento de história da UFC nasceu, no começo de 2025, no Centro Académico Frei Tito de Alencar que na interlocução com a professora Lara de Castro decidiram escolher o tema do Dia da África como leme do evento. Abrindo um pouco, foi definido, de forma inédita no departamento, pelo tema "África, Africanidades e Cultura Negra" a ser realizado de 19 a 23 de maio do mesmo ano. Entrando no time, decidi associar ao evento a programação da XII Mostra de Cinema Africano (UFC) que me parecia se encaixar de forma adequada.

Esse pequeno artigo pretende historicizar um pouco o evento, em particular a Mostra de Cinema Africano e, sobretudo, dialogar e introduzir as produções que compõem esse dossiê e que encontrem as suas origens em participações nas mesas e GTs do evento.

Em preambulo, me parece importante salientar o protagonismo essencial dos discentes graduando na organização do Seminário. De fato, se a experiência docente e de forma maior, universitária, durante a pandemia (2020-2022) sofreu uma série de tensões, obrigando às redefinições nas metodologias de ensino e à adequação em particular ao ensino remoto (já que o EAD, por falta de formação, foi de difícil realização), a experiência e a prática discente encontraram-se também impactadas. Um dos efeitos claros do lockdown foi o esvaziamento da universidade e um claro distanciamento entre os próprios discentes, como entre os discentes e os docentes, separados por telas de computadores muitas vezes sem o recurso à câmera. O resultado, foi que promoções de alunos que entraram na universidade em 2020 e 2021 não tiveram convivência entre eles, mal se conhecendo e não habituados com os espaços e os equipamentos da universidade, bem como não beneficiando do apoio, do aconselhamento e do ensinamento das turmas anteriores, em relação às práticas, comportamentos sociais e profissionalizantes habituais numa universidade pública. Em 2022, de volta às aulas presenciais encontramos alunos que não se conheciam, ou muito pouco, que já estavam na metade do curso e que descobriam os espaços físicos da universidade.

Os elementos apresentados buscam explicar o sentimento de relativo esvaziamento da universidade, desde a pandemia, por parte dos nossos alunos que tendem a "sumir" depois da aula, não prestigiando os eventos académicos na parte da tarde. Mesmo se existem, claro, contingências ligadas às obrigações laborais necessárias para se manter, não impedem de fazer um constado alarmante: a perda, talvez momentânea, de uma cultura académica baseada no

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

viver/fazer juntos e que via o espaço universitário como um campo de possibilidades de atividades importantes na formação académica e humana.

2 SEMINÁRIO DE PESQUISA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (UFC/2025)

Neste quadro, a ação do Centro Acadêmico do Curso de História da UFC, Gestão Memórias do Futuro (2024-2025)[1], dentre outras, aparece como muito importante, partindo de um movimento autônoma de resgate de um evento tradicional do departamento (o Seminário de Pesquisa), buscou-se, numa visão muito madura, mobilizar a comunidade estudantil da graduação em história em torno da perspectiva de apresentar trabalhos académicos assim com criar uma conexão, através da ideia da pesquisa com os pós-graduandos (mestrado e doutorado) do PPPGHist/UFC.

Vale lembrar que o seminário de pesquisa do departamento, criado em 2002, foi um evento central da programação institucional sobretudo até 2010 (IX edição em 2011) - outros eventos ("história e Historiografia" ...) entrando na agenda na década seguinte – mesmo se em 2022 aconteceu a sua XII edição. Nesse sentido, a edição de 2025, desta vez organizada pelos alunos, continuou a privilegiar a articulação entre graduação e pós-graduação com princípio de funcionamento. Como o tema era "Africanidades", foram mobilizados os mestrandos e doutorandos africanos do Programa de Pós-Graduação em História (com Área de Concentração em História Social), assim como os cotistas que, constituem hoje uma "linha" de pesquisa consolidada que se encontra reunida, em particular, no grupo de pesquisa "Caldeirão – Confluências Anti-coloniais" (PPPG História/UFC). Na mesma linha, a partir da contribuição dos docentes envolvidos[2], professores Lara e Franck, foram articuladas colaborações com discentes e docentes (profes. Natalia Cabanillas, Ricardo Ossagô (UNILAB), Diltino Ferreira) da que permitiram dar uma dimensão interuniversitária, e o fomento para um grande encontro cultural. São eles que estão contribuindo com artigos nesse dossiê.

Nesse sentido os objetivos foram alcançados e o protagonismo, o leadership da galera do CA nunca foram desmentidos em todas as fazes do processo, tendo registrado, por exemplo, representação na composição de todas as mesas redondas. O incentivo e a mobilização dos

[1] Membros da gestão do Centro Aadêmico: Ryann Nunes de Freitas, Augusta Beatriz Costa Viana, Jose Davi de Lima Tavares, Ana Leticia de Araujo Nascimento, Gabriele Lopes Barbosa e Marjorie Goncalves.
[2] A participação docente se restringiu a legitimar o evento (cadastro enquanto o projeto de extensão: (2025.EV.0973) "Semana da História: África, africanidades e cultura negra" e aconselhar na montagem e definição do formato de atividades tais como: mesas redondas, rodas de conversas, grupos de trabalhos e oficinas.

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

discentes da graduação e da pós-graduação, revelando-se também muito frutífero já que foram registrados mais de 100 inscritos dos quais apresentaram 61 trabalhos nas modalidades de GTs e Rodas de Conversa. Em relação às 3 oficinas participaram 89 alunos.

Em paralelo à realização das atividades académicas propriamente ditas e fazendo eco à mesa redonda da terça feira intitulada "Africanidades na Pós-Graduação" e que reuniu três doutorandos bissauguineense e um cabo-verdense, foi desenvolvida a XII Mostra de Cinema Africano, com o subtítulo "Senegâmbia", sobre a qual versarei de forma mais específica.

2.1 Mostra de Cinema Africano (UFC): "Senegâmbia"

Realizada no auditório Raquel de Queiroz e além de alguns problemas técnicos, a Mostra não foi favorecida pelos horários de projeção e de debates em torno dos filmes. Assim, começando teoricamente as 11h, as sessões atrasaram várias vezes depois desse horário por conta das mesas redondas que se alongaram, empatando amplamente no horário de almoço. Em termo de adaptação, a programação, inicialmente bem mais amplia, teve que ser resumida à 7 filmes, quase todos de diretores guineenses ou voltando-se para a Guiné-Bissau. Assim, pode-se dizer que o recorte senegambense, que pode variar segundo as definições dessa categoria histórica da África Ocidental[3], foi amplamente reduzido para se concentrar na parte inerente à Guiné Bissau e ao Cabo Verde (um filme). Mesmo assim, pela qualidade dos filmes e dos debatedores e o interesse manifestado pelo público, as sessões, no conjunto da obra foram bastantes animadas e interessantes.

Assim, no primeiro dia da Mostra, tivemos a oportunidade de ver dois filmes diferentes e de diretores jovens. Quero falar da diretora e militante brasileira, de origem coreana, Iara Lee e do seu filme tão instigante intitulado *Unite for Bissau* (Nô Kumpu Guiné). *Agroecologia e feminismo na Guiné Bissau* (Guinea-Bissau/ Portugal/ Brazil/ USA, Cultures of Resistance films by Caipirinha Productions, 2023, Doc., 40 min) que apareceu como uma exceção em

[3] Sobre discussões sobre a categoria de Senegâmbia, ver Malacco, Felipe Silveira de Oliveira. História social do comércio na Senegâmbia [manuscrito]: espaço e agência local (1580-1700) / Felipe Silveira de Oliveira Malacco. 2023. 286; MOTA, Thiago H. Guests in Foreign Lands: Land Control and Ownership in Greater Senegambia in the Face of the Portuguese Presence (16th and 17th Centuries), in Manuel Bastias Saavedra (editor). Ownership Regimes in the Iberian World (1500–1850): The Normative Role of Kinship and Community. Leiden: Koninklijke Brill, 2025, p. 78-111; COSTA DIAS, Eduardo e DA SILVA HORTA José : La Sénégambie: un concept historique et sociocul turel et un objet d'étude réévalués. Mande Studies 9 (2007) pp. 9-19; BARRY, Boubacar. A Senegâmbia do século XV ao século XX: em defesa de uma história sub-regional da Senegâmbia. Soronda: Revista de Estudos guineenses, v.9, p. 3-21, 1990; BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O desafio da História Regional. SEPHIS - Centro de Estudos Afro-Asiático, Rio de Janeiro, 2000.

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

relação à necessária origem africana dos diretores de filmes projetados na Mostra de Cinema Africano. Iara Lee, uma figura incontornável da cena underground nacional e internacional apresenta-se como "ativista, cineasta e fundadora/diretora da *Cultures of Resistance Network*. A organização promove a solidariedade global, conecta e apoia revolucionários, educadores, agricultores e artistas para construir um ambiente mais justo e um mundo mais pacífico através da resistência criativa e ação não-violenta! (Culture of Resistance Films, s/d, s/p). Iara Lee filmou/produziu diversos documentários ao redor do mundo e dezenas de curtas-metragens. Assim, o catálogo da *Culture of Resistance Network* é bem fornecido e nosso evento teve o privilégio de receber uma cópia do filme e uma autorização de projeção, de forma graciosa, por parte da produtora (Culture of Resistance Films, s/d, s/p). Quanto ao documentário, totalmente voltado para os sujeitos e repleto de entrevistas e de imagens das mulheres guineenses, servidas por uma fotografia impecável (como sempre na obra da Lee!), ele aborda em particular a jornada de mulheres que rompem as normas, organizando-se entre elas em torno da agroecologia e que desafiam o patriarcado, autonomizando-se e chegando à autossuficiência pelo trabalho e lutando contra a mutilação genital feminina. Nas lentes da Iara Lee, surgem então essas mulheres, mães, avôs, cheias de energia e cujo protagonismo feminista constitui um modelo para uma juventude em construção, num legado original de Amilcar Cabral que colocava a questão do direito das mulheres no centro da luta pela independência.

O outro filme projetado num primeiro dia foi *Omi Nobu* (O Homem novo. Cabo Verde, Bélgica, França, Sudão, doc., 2023, 107 min), de Yuri Ceunick. É um documentário que foi premiado com o "Galardão" de ouro, seção documentário, na 28ª edição Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (FESPACO) em 2023. Conseguimos o acesso a esse filme, como outros da Mostra, através de outra parceria como Institut Français que disponibiliza filmes através da plataforma IFcinema. O documentário, acompanha num ritmo lento, servido por uma música langorosa, a vida e as interrogações de Quirino, de 76 anos que, abandonado num vilarejo deserto, perdido entre mar e montanha, onde nasceu e do qual é o último habitante desde 1984. Quirino interroga-se sobre o seu futuro, sobre a necessidade ou a recusa de deixar esse pedaço de terra onde está e sempre foi agarrado. Passam então na sua mente e nas lentes do diretor Ceunick, outras imagens, de outros tempos, da inocência da juventude, no tempo bom quando Ribeira funda era uma comunidade. O tempo também do trauma quando, parece, uma pedra grande se soltou da montanha para se abater na comunidade, selando o destino e marcando o sino da migração coletiva. Mas Quirino ficou, sozinho, nessa paisagem

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

deslumbrante, servida no filme por uma fotografia primorosa e, nessa natureza montanhosa seca, de casas de pedra abandonadas e de mar bravíssimo da Ribeira Funda (na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde) onde as pessoas, quando estavam presentes e segunda a fala de Quirino "tinham que dar o melhor de si". Um filme sobre o destino, em soma, e sobre a coragem e abnegação humana do povo de São Nicolau que rendeu um debate rico, nesse primeiro dia da Mostra, junto aos comentários e perguntas sobre o filme da Lara Lee *Unite for Bissau*. Nesse sentido a profa. Natalia Cabanillas (Unilab), enquanto africanista e especialista dos movimentos de mulheres, conduziu de forma muito qualificada e sensível o debate, levando a discussão coletiva a temas importantes, entre os quais, do protagonismo feminino e da relação com a natureza em Cabo Verde.

A partir do segundo dia, mergulhamos no cinema de dois gigantes do cinema guineense, Flora Gomes e Sana Na N´hada, ambos diretores mandados, na época da luta pela libertação, por Amilcar Cabral, se formar na escola de cinema de Cuba (Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficas (ICAIC). Assim, no segundo dia, foi projeto o filme clássico de Sana Na N´hada, *Xime* (Guiné Bissau, Cabo Verde, Holanda, França, 1994, 95 min) que retrata o percurso de Raul, militante do PAIGC, que volta na sua aldeia *Xime* no Bafatá, para começar a mobilizar o povo na perspectiva da luta pela independência. Envolto com a rigidez das tradições, da autoridade paternal e com a repressão crescente dos "tugas", Raul e o seu irmão mais jovem Bedel, em ruptura com a sociedade, procuram os seus caminhos nesse período de incertezas e de dúvidas constituído pela transição para o conflito armado durante a luta pela independência. Domingas da Silva, professora substituta do curso de graduação em Antropologia (IH/Unilab) e doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG), Bissau-guineense, conduziu com maestria o debate pós-projeção abordando a problemática central da memória da luta pela independência no contexto do seu país.

No terceiro dia foi exibido o filme *Po di Sangui* (Guiné Bissau, France, 90 min) de Flora Gomes, rodado em crioulo guineense, que tem o formato de um conto intemporal, uma história forte, onde Dou, o gêmeo que, segundo a tradição, desapareceu ao nascer, faz erupção no vilarejo as vezes evanescente, depois da morte brutal do seu irmão gêmeo Hamidou e é levado a ocupar o lugar social dele na comunidade. Ancorado numa visão onde o destino do coletivo é ligado organicamente com os ancestrais – proporcionando até um tipo de êxodo coletivo do tipo bíblico -, mas também com a natureza, as arvores cujas raízes mergulham no passado, o filme é uma celebração das gerações e da continuidade da vida. Salifo Danfa, doutorando no

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

nosso PPG em de História Social, guineense, revelou toda a sua sensibilidade de historiador da cultura do seu país, ao debater a obra prime de Flora Gomes.

No quarto dia, estava programado o último filme do diretor veterano de Guiné Bissau, Sana Na N´hada, *Nome* (França/Guiné Bissau/Portugal/Angola, 2024, 117 min) que, inclusive chegou a ser apresentado na Mostra ACID do festival de Cannes. Infelizmente, por razões técnicas - a mesa anterior tinha realmente extrapolado o horário e na hora dá projeção, o som não saiu direto – o filme, que eu tinha ficado de debater e que tinha sido conseguido através de parceria com o Institut Français, não teve condições de ser apresentado. Uma pena. Sobretudo pela qualidade do filme cuja ação acontece, como em quase toda a obra do diretor, durante a guerra de libertação, momento fulcral na história da sociedade guineense contemporânea. Nome -que quer dizer homônimo, aquele que tem o nome de todos e então, dentro do filme, um personagem que poderia ser qualquer um - o herói do filme, deixe a sua família e a sua aldeia para se investir na guerra violenta contra o opressor português. Voltará em herói, mas o tempo de paz, depois da guerra, é outro e os sonhos se transformam em amargura e cinismo. Vale notar o realismo mágico e o poético na obra, permeada de aparições de um espírito que, certamente alter ego do diretor, observe e vê os homens errar os caminhos. “O mundo está cego, não te deixa cegar", sussurra o espírito à Nome. A África tradicional está bem presente, como o tambor “Bombolo” que inicia o filme e segue ao longo do roteiro, chamando e mobilizando para a guerra. Imagens de arquivos, das atualidades guineense da época filmadas por Na N´hada, Gomes e outros, são inseridas dando um contraponto documentário na narrativa. Frente às utopias e ao espírito da revolução a responsabilidade é coletiva. Qualquer um tem que assumir a sua parte no risco de ver o sonho de um país libre e justo, cair no buraco.

No último dia da Mostra, fomos brindados por dois filmes diferentes, mas que, de alguma forma, tem o ponto em comum de valorizar o protagonismo feminino. *Mortu Nega* (Aqueles que a Morte não quis, Guiné Bisssau, França, 1988, 85 min), uma obra clássica do veterano Flora Gomes, retoma o contexto traumático da linha de frente na guerra de libertação. Dimingas (interpretada pela atriz Bia Gomes), se recusa a deixar o seu marido Sako sozinho na frente. Por isso, acompanha um comboio de reabastecimento que, atravessando o país, revela a miséria e as ruinas deixadas pela guerra. Quando encontra ele, num campo, é ferido, quase moribundo. Sobrevive, mas diminuído e mesmo quando chega a paz tão desejada, apesar dos risos e dos choros, numa temporada de seca, tem que reaprender a viver, continuar a lutar nessa nova vida de depois da guerra. Homenagem profundo, em crioulo guineense, ao protagonismo

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

fundamental das mulheres durante a guerra, nem sempre reconhecido, *Mortu Nega*, servido pela interpretação radiante de Bia Gomes, é também uma ode à vida. O outro filme, um curta metragem, muito mais recente e de feitura mais artesanal é a obra da guineense Banuma Pinto. *Corpo público* (Guiné Bissau, Brasil, 2021, 15 min) que, retomando o motivo já presente no filme de Flora Gomes, *Po di Sangui*, relativo à gemelidade nas sociedades tradicionais, e ao fato de tirar um dos gêmeos do convivo familial no nascimento, insiste sobretudo sobre a condição feminina. A protagonista principal, na sua gravidez continua tomando conta de todas atividades físicas corriqueiras (buscar água, madeira, catar mariscos...), o seu primeiro parto acontecendo exatamente no meio do caminho, na natureza. Para complicar, dos seus dois gêmeos, é a sua filha que é raptada por ser abandonada na natureza e, finalmente descoberta e adotada por outra família. 18 anos depois, o acaso faz as crianças se conhecerem e gerar um imbróglio social. Mas a conversa pacífica embaixo na árvore sagrada (poilão?) permite apaziguar os ânimos e resolver os problemas. Adilson Victor Oliveira, doutorando, na época, e hoje doutor pelo programa de pós-graduação em História social da UFC, guineense, foi convidado para debater os dois filmes e encerar a nossa 12ª Mostra de Cinema Africano (UFC) "Senegâmbia". Pesquisador da cultura e da história da Senegâmbia, Adilson contribui, dialogando com a plateia, com reflexões valiosas e precisas relativas aos dois filmes. Em particular e apesar da diferença de formato e de tipo de filmes, enfatizando a questão importante do protagonismo feminino e do seu papel central na sociedade guineense.

De fato, a Mostra funcionou bem por conta da participação dos convidados que contribuíram também apresentando as suas pesquisas individuais em diferentes mesas redondas do evento. Dessas palestras, nasceram os artigos que compõem esse dossiê que vou, por ora, introduzir.

3 DOSSIÊ "ÁFRICA E AFRICANIDADES NO CEARÁ" DA REVISTA EM PERSPECTIVA (PPGH/UFC)

Os artigos que tenho a responsabilidade de apresentar e que compõem esse dossiê trazem, na diversidade dos temas abordados, a marca de percursos migratórios e de experiências singulares. Talvez, o ponto em comum encontrando-se no fato de terem sido escritos aqui no Ceará, mesmo quando tratam do continente africano ou os autores sendo africanos.

O tema da migração, da migração atlântica que traz estudantes africanos de horizontes diversos para a cidade de Redenção (Ceará) como alunos da UNILAB (Universidade da

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) constitui o pano de fundo do artigo de Jarciela Pitiandra Lima Correia Sá que desenvolve com muita propriedade e sensibilidade – a autora sendo inclusive estudante guineense - a problemática central de *"O "tornar-se negro" para o estudante africano e a africana no Brasil: racialização, racismo e construção identitária*, que me parece integrar o rol de preocupações cientificas abordadas na sua dissertação recém defendida no MIH (UNILAB)[4]. De fato, constitui-se como elemento marcante da trajetória desses jovens africanos no Brasil, o fato de serem percebidos e de serem obrigados a se pensar segundo o prisma racialista que domina nos processos de nomeação/categorização social dos indivíduos. Identificados como pretos e estrangeiros - duas categorias que, quando conjugadas, representam o reforço do estigma e do preconceito – são levados, na experiência amarga do racismo estrutural, a experienciar o fato de ser negro no Brasil. O mais preocupante é que "o fenômeno se mostra adoecedor: a racialização impõe a esses sujeitos a necessidade de redefinir sua autoimagem em um cenário de exclusão, o que pode resultar em ansiedade, baixa autoestima e sobrecarga emocional".

Ana Raquel Silva Reginaldo parte também da sua própria experiência de estudante na UNILAB para refletir sobre *Ser mulher negra estudante na Unilab/CE: interseccionalidade e desafios*. Trazendo à tona – na perspectiva da escrevivência (Conceição Evarista, 2011) - a sua trajetória e a as múltiplas dificuldades enfrentadas para a permanência nos cursos de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), de sociologia e depois no mestrado (MIH), ela dialoga com colegas (entrevistas), relatórios da UNILAB, notas de campo (2024-2025) e resultados do seu mestrado em andamento. Pautada na interseccionalidade (Kimberlé Crenshaw, 2002), a sua análise revela uma consciência aguda dos processos envolvidos em Redenção (CE), ressaltando, entre outros exemplos a importância dos mecanismos de resistência ancorados na solidariedade, nas "redes de apoio e pertencimento" e no "afroafeto", vivenciados em espaços e grupos específicos de mulheres negras.

"Resultado parcial dentro do projeto de pesquisa *Inovação curricular e pedagógica através dos materiais didáticos: relações de gênero na história de África"* (2023-25) Unilab/CNPq PIBITI, o artigo de Natalia Cabanillas e Suzana Manuel Jorge, intitulado *Representações sobre África nos livros didáticos: uma análise interseccional* aborda com muita precisão e competência o universo do livro didático, aqui a partir do recorte dos livros de

[4] "Racismo e sofrimento psíquico de estudantes africanos na Unilab-Ce". Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/UNILAB), Redenção, 2025.

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

história do antigo e novo ensino médio utilizados nas escolas do Maciço de Baturité (Ceará). Fruto de um diagnóstico amplamente descrito, a pesquisa, que analisa os conteúdos do sumário e a estrutura do livro do estudante e do professor, identificando os registros e o tratamento ligados à história da África, às relações de gênero considera também "as formas nas quais problemáticas de desigualdade de gênero são tratadas, assim como questões raciais no Brasil" para subsidiar a perspectiva interseccional defendida. Os resultados impressionantes precisam ser conferidos e constituem um material valioso, pela abrangência e precisão da avaliação, na perspectiva da gestão pública educacional e da política do livro, que devem, sempre, buscar superar as lacunas ("inclusão de gênero ao discutir a história de África em materiais didáticos"!), podendo, segundo as autoras, contar nesse quesito com a contribuição das instituições de educação superior e em particular da UNILAB.

Por fim, o olhar do migrante pode se voltar sobre a sua terra de origem, terra amada que é aquela que melhor conhece e em relação a qual ele é um testemunho privilegiado que pode se transformar em pesquisador. É o caso de Domingas da Silva, antropóloga guineense, que nos brinda com um artigo intitulado *Tribalismo linguístico no pleito eleitoral de 2019-2020 em Guiné-Bissau*, fruto da sua dissertação em antropologia defendida na UNILAB em 2022. Baseada, em particular, na observação das *lives*, vídeos, notícias nas redes sociais, debates políticos, artigos de opinião e outros, voltadas para as eleições presidenciais 2019-20 em Guiné Bissau, a pesquisa relaciona as tendências observadas com o contexto histórico e a problemática linguística no país. A análise segue o enfrentamento verbal dos candidatos e os seus seguidores, especificamente focando os termos do debate relativos ao chamado "tribalismo" (Archie Mafeje (1971)) linguístico que, no período, ofuscou "o propósito da eleição no prestígio linguístico da língua portuguesa e do crioulo, o que gerou divisões e polarização na sociedade entre os apoiantes do discurso do candidato em crioulo e em português". A argumentação geral aponta em direção à necessidade de criação de mecanismos jurídicos visando à legalização formal das línguas étnicas e do crioulo, "promovendo a valorização e igualdade linguística".

O trabalho de Salifo Dantas, *Uma releitura de cerimônias culturais do povo mandjacu da Guiné-Bissau: o caso de itchap*, por sua vez, aborda, na linha temática da pesquisa de doutorado em história social (UFC) que ele está realizando, a questão dos rituais fúnebres – a cerimônia de *itchap*, elaboração de imagem para representar, de forma material e espiritual, um indivíduo após a morte - na etnia mandjacu do seu país, mais precisamente nas comunidades de Tchur, Babok e Plundu. Mesmo em andamento, a pesquisa que articula aspectos fornecidos pelo levantamento bibliográfico sobre o tema e dados coletados num trabalho de campo já

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

efetuado na comunidade plundense - onde foi utilizada, entre outras, a técnica de *djumbai* (conversa/diálogo de forma livre) - já identifica diferenças entre as comunidades quanto ao perfil (sexo biológico, idade, status social...) dos indivíduos que devem ser ou não contemplados/as com *itchap.* Assim, esse ritual, apesar de se constituir, de forma geral, enquanto prática característica da etnia mandjacu, é também um indicador da variabilidade e da existência de especificidades comunitárias que rompem com uma visão homogeneizadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, a leva dos artigos que compõem esse dossiê que podemos considerar, em larga medida, fruto de uma parceria antiga entre o grupo Caldeirão: confluências anticoloniais (CNPq/História/UFC) e o grupo coordenado pela professora Natalia Cabanillas: Estudos Feministas Africanos (CNPq/MIH/UNILAB), que se expressou no evento, revela a sua originalidade, diversidade e sobretudo a qualidade das pesquisas em curso que prometem resultados de destaque. Acompanharemos...

REFERÊNCIAS

Borges, A. et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Soc. Estado*. 2015.

Carneiro, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina. *In*: Gonzalez, Lélia; Hasenbalg, Carlos (org.). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

Chiziane, Paulina. *Eu, mulher*: por uma nova visão do mundo. Lisboa: Caminho, 2013.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem. [online]*. vol.10, n.1, pp.171-188. 2002.

Cultures of Resistance Films. Sobre a diretoria. Cultures of Resistance Films, s/d. Disponível em: https://culturesofresistancefilms.com/sobre-a-diretora/. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

Evaristo, Conceição. *Poemas Malungos - Cânticos Irmãos*. 2011, 178 f. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011.

Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afrolatino-americano. *Revista Isis Internacional*, v. 9, n. 1, p. 133-141, 1988.

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

Hooks, bell**.** *Olhares negros*: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra.* Lisboa: Antígona, 2018.

Sayad, Abdelmalek**.** *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4

Informações Adicionais

Biografia profissional	Professor associado, co-coordenador do grupo de pesquisa Caldeirão: Confluências Anticoloniais (CNPq/HISTÓRIA/UFC). Especialista em História da África.
Endereço para correspondência	Av. da Universidade, 2700 (CH 2 – Bloco do CAEN) CEP: 60015-290, Benfica, Fortaleza-CE
Conflito de interesse	Nenhum conflito de interesse foi declarado.
Aprovação no comitê de ética	Não se aplica.
Preprint	O artigo não é um preprint.
Método de avaliação	Revisão por pares anônima dupla (Double anonymous peer review).
Direitos autorais	Copyright © 2025 Franck Ribard
Licença	Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.
Histórico editorial	*Data de submissão*: 13 de outubro de 2025 *Data de aprovação*: 10 de dezembro de 2025

Discussion Publishers edition DPR-2026-1006 https://discussionpublishers.com/research/e756f539-0ded-4233-8eed-4c0c394f57d4